

FONTE : Idesp

CLASS. : Madeira

DATA : 17 02 90

PG. : 11

58

Corte de árvores em lago ameaça castanheiras no PA

RAIMUNDO JOSÉ PINTO

BELÉM — O acordo firmado há poucos dias em Brasília entre a Eletronorte, que explora a hidrelétrica de Tucuruí, e Quatro Madeiras, para a retirada de seis milhões de metros cúbicos de árvores submersas com a formação do lago da usina, criou preocupações entre ambientalistas e produtores da castanha-do-pará. A castanheira típica da região está entre as espécies encontradas dentro das águas, onde 35% são resíduos, como galhos, que serão transformados em carvão vegetal. Por isso, teme-se que a árvore seja cortada em terra — o que é proibido por lei — e vendida como se tivesse sido retirada do lago.

Uma das árvores nobres da Amazônia, a castanheira vem sofrendo nos últimos anos um processo de destruição intensiva. Ao longo de um trecho de mais de 100 quilômetros da PA-150, por exemplo, que corta o Pará de norte a sul, pode-se ver de ambos os lados da estrada milhares de castanheiras — símbolos do extrativismo vegetal da região — ainda em pé, mas mortas. É o cemitério das castanheiras, formado pelas queimadas que dominam o Sul do Estado, principalmente nos meses de agosto e setembro. A castanheira é uma planta muito sensível, que não resiste à proximidade do fogo ou da fumaça, que espantam seus insetos polinizadores.

Por essa razão, mesmo se a castanheira escapar do fogo, deixará de produzir a castanha-do-pará, uma amêndoa muito consumida na Europa e nos Estados Unidos, devido ao



Castanheiras: ameaça de extinção em 10 anos

seu alto valor nutritivo. Hoje, curiosamente, o Pará, conhecido como o maior produtor de castanha do País, tem de "importar" o produto do Acre e do Amazonas, com altos custos de frete, para honrar seus contratos de exportação.

O chamado "polígono dos castanhais" abrange uma área de 1.694.568 hectares, de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará (Idesp). Segundo o órgão, já foram devastados 755.405 hectares, o equivalente a 44,58% dessa área. A diretora do Idesp, Violeta Loureiro, teme que "se o processo de devastação não for contido, nada ou muito pouco restará dos castanhais da região".

Para o presidente da Associação dos Exportadores de castanha-do-pará, Dhelio Mutran,

o acordo para a retirada da madeira de Tucuruí, com motosserras aquáticas, poderá agravar a situação: "Se não houver uma fiscalização efetiva, as madeiras poderão extrair as castanheiras de terra firme, dizendo que se trata de árvores do lago". O Pará, que já chegou a produzir 30 mil toneladas de castanha, em 1989 obteve apenas três mil.

Silvanísio Mota, presidente da Associação das Indústrias Madeiras do Pará, calcula que, somente na região de Marabá — conhecida como o maior produtor do Estado —, existam de 200 mil a 300 mil castanheiras mortas. O problema é tão grave que está chamando a atenção de organismos internacionais. A Inglaterra, por exemplo, liberará em breve US\$ 2 milhões para programas de preservação dos castanhais.